



MARIDOS QUE MATAM

No espaço de uma semana, dois homens mataram as mulheres, amigas destas e suicidaram-se. Moravam longe um do outro, mas revelaram o mesmo *modus operandi* e muitos outros pontos comuns. A recusa em aceitar o fim da relação é um deles



Loures, os crimes foram cometidos com um revólver

Na noite de 23 Junho (22.30 h), discutiu em casa com a mulher e disparou sobre ela. O "Rato d'Água", morava na Palhota, Pinhal Novo, em Palmela, convencer-se de que a sua relação acabara porque (entendeu ele) a mulher o traía. E porque (também entendeu ele) as amigas eram as responsáveis pelas atitudes da mulher. Depois, saiu e procurou Cidália, amiga da mulher, e abateu-a a tiro. Em fuga, acabou encontrado morto no dia seguinte (dis-

parou sobre si próprio), ao lado do seu carro, no meio de uma vinha. Era trabalhador rural, como ela, e não aceitava a forma como esta vivia. Tinham discutido e haviam decidido separar-se. Matou-a, assassinou uma amiga dela e suicidou-se. Na tarde de 14 de junho de 2013, o Pedro "Pula" tentou sair com a filha do infantiário (16 horas). Como não con-

seguiu, esperou pela mulher (de quem se tinha separado há pouco), perto da escola da filha de ambos. Mal se cruzaram, ele disparou o revólver sobre ela. Logo de seguida, baleou a amiga que acompanhava a sua mulher e depois suicidou-se. Biscateiro desempregado, metido consigo, não conseguiu ultrapassar a separação. Uma semana antes tinha ido ao hospital com um aperto

no coração e a espumar da boca. Teve alta.

Violência doméstica, porquê?

Seja por não aceitarem a separação seja por ciúmes ou razões patrimoniais, os homicídios em ambiente de violência doméstica repetem-se. O fenómeno preocupa as autoridades, que acreditam que a mediatização dos casos provoca efeito de contágio, mas alguns psicólogos garantem que a violência doméstica e os homicídios neste

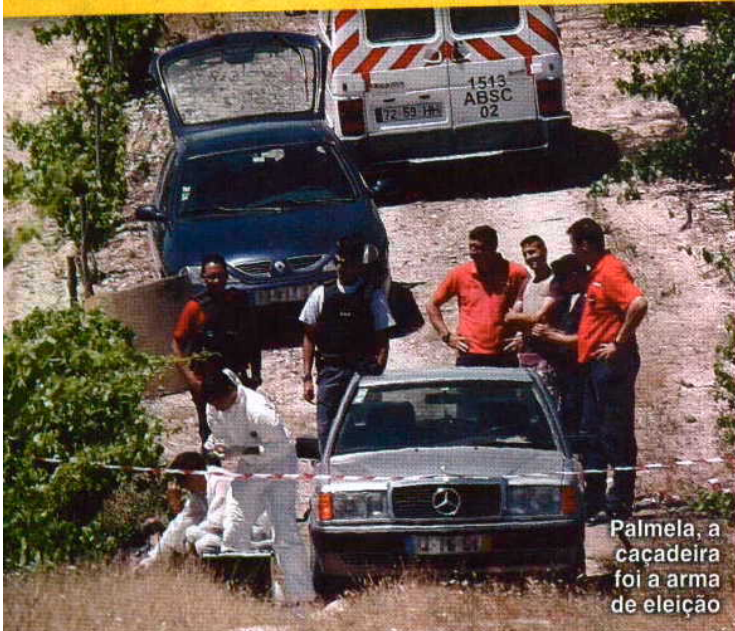
A mediatização dos casos pode provocar o efeito de contágio

FOTOS: REUTERS E CORREIO DA MANHÃ

Matam as mulheres, as amigas delas e suicidam-se

CASOS	O "RATO D'ÁGUA"	CRIME À PORTA DO INFANTIÁRIO	Pontos comuns
AGRESSOR	Manuel Faria, 58 anos, trabalhador rural	Pedro, 30 anos, biscateiro	
IDADE DA MULHER	Maria Lucília tinha 56 anos	Mónica tinha 26 anos	
IDADE DA AMIGA DELA	Cidália, 52		Armas de fogo
HORA DOS ACTOS	22.30 h do dia 23 de Junho de 2013	10 h do dia 14 de Junho de 2013	
MOTIVOS CONHECIDOS	Ciúmes. Não aceitava a vida da mulher	Ciúmes. Não aceitava a separação	
LOCAIS	Lau, Poceirão Pinhal Novo, Palmela	Catuja, Sacavém, Loures	
ARMA UTILIZADA	Caçadeira	Revólver (foi-lhe encontrada uma caçadeira no carro)	
MODUS OPERANDI	Na sequência de uma discussão, disparou e de seguida foi procurar a amiga desta e tornou a disparar. Fugiu e suicidou-se	Fez uma espera à mulher. Mal se cruzaram, disparou sobre a mulher e de seguida sobre a amiga desta. Depois suicidou-se	

E SE MATAM



Palmela, a caçadeira foi a arma de eleição

ambiente resultam da forma como o agressor lida com os factores. As dificuldades financeiras e o stresse, associados a outras motivações, poderão justificar o aumento exponencial de crimes violentos contra mulheres.

Quatro queixas por hora

A conta é do Observatório de Mulheres Assassinadas, segundo o qual, em mais de metade dos homicídios registados, “existia violência na relação”. Um dos casos mais mediáticos foi o de Magda Dionísio, 20 anos, grávida de oito meses, morta pelo ex-companheiro à catanada, no Cadaval, após 47 queixas por violência e perseguição. O mesmo aconteceu com Ana Paula Sousa, 45 anos, morta a tiro pelo marido – de quem estava em processo de

divórcio – em Alhos Vedros, Moita. Antes, apresentara queixa na PSP e na APAV.

Pulseira electrónica, mas lentamente

O dispositivo electrónico conhecido por “pulseira” é usado em Portugal para “vigiar” agressores de violência doméstica. É aplicado ao agressor e à vítima, mediante decisão judicial, a partir da avaliação de risco feita pelas forças de segurança. Mas lentamente. Uma mulher vítima de violência doméstica, em Santarém (que a **tvmais** tem acompanhado) está há um mês à espera de pulseira... Na Europa, só Portugal e Espanha aplicam estes dispositivos a casos de violência doméstica.

Punições pouco eficazes

A violência doméstica é o terceiro crime mais participado em Portugal. Mas um terço dos homens acusados foi absolvido em tribunal. Os dados foram divulgados no Porto (4/12/2010) pela Associação Portuguesa de Mulheres Juristas (APMJ). As vítimas dos casos estudados eram mulheres com idades entre os 21 e 57 anos e todas tinham filhos ou estavam



Só Portugal e Espanha usam as pulseiras nestes casos

Como identificar um marido agressor

- Tem medo do temperamento do seu namorado, marido ou companheiro?
- Tem medo de dizer quando não tem a mesma opinião do que ele?
- Ele ignora os seus sentimentos ou as coisas que diz?
- Ridiculariza-a ou humilha-a em frente aos seus amigos ou familiares?
- Alguma vez ameaçou agredi-la?
- Ele alguma vez lhe bateu, pontapeou, empurrou ou lhe atirou algum objecto?
- Não pode estar com os seus amigos ou família por ele ter ciúmes?
- É forçada a justificar o que faz ou quando quer sair tem de pedir autorização?
- Tem medo de dizer “não” quando não quer ter relações sexuais ou alguma vez foi forçada a tê-las?
- Ele ameaça revelar intimidades do vosso relacionamento?
- Já foi acusada injustamente de estar envolvida ou ter relações sexuais com outras pessoas?

As agressões começam quase sempre ainda no namoro. Começam por verbalizações. Depois é uma escalada de violência verbal e física que muitas vezes termina em morte.

grávidas à altura das agressões. Os inquéritos-crime destes processos duraram em média 12 meses, “**um tempo muito longo, que significa, em muitos casos, novas agressões**”, salientou Rita Braga da Cruz, da APMJ. Em 79% dos casos, a única medida de coacção aplicada na fase de inquérito foi o Termo de Identidade e Residência.

Pena suspensa

Dados do Ministério da Justiça fornecidos ao Centro de Estudos Sociais da Universi-

dade de Coimbra revelaram que a pena mais aplicada nestes casos continua a ser a pena de prisão, suspensa. “Esta pena, por não implicar qualquer dever de sujeição ou regra de conduta por parte do arguido, conduz, para grande parte das pessoas entrevistadas no estudo, a um certo sentimento de impunidade que tem consequências naquele conflito específico, com o agressor a sentir que não lhe foi aplicada qualquer pena”, concluem os investigadores. ■

COMOÇÃO NACIONAL

De catana em punho, Francisco, 60 anos, matou a mulher, a filha, a neta e os animais de casa. Chamaram-lhe o “Monstro de Beja”. Detido, apareceu morto, na cela individual no EP de Lisboa. Suicídio. Deixou o mistério da paternidade da neta em aberto. Tinha o apelido de Esperança.